

UM ESTUDO DE CASO SOBRE TERAPIA EM GRUPO COM CRIANÇAS AUTISTAS

A CASE STUDY ON GROUP THERAPY WITH AUTISTIC CHILDREN

UN ESTUDIO DE CASO SOBRE TERAPIA EN GRUPO CON NIÑOS AUTISTAS

Jéssica Pinheiro Leite¹
Ana Cristina de Oliveira Fontoura²
Marcelo Leite Costa³
Antonia de Oliveira Félix⁴
Ana Quérem Hapúque Araújo Vidal⁵
Denísia Uessgue dos Santos⁶

RESUMO: O presente estudo é um relato de experiência de uma prática de estágio voltada ao atendimento de crianças autistas e com outras condições neurodivergentes. O objetivo deste relato é apresentar as atividades desenvolvidas a partir de uma análise crítica das práticas baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Busca-se, dessa forma, contribuir para a disseminação dos conhecimentos psicológicos aplicados ao autismo. Um dos focos da prática realizada foi observar e atuar em contextos de atividades em grupo feitas com crianças autistas. Foram desenvolvidas atividades destinadas a estimular o desenvolvimento cognitivo, comportamental e educacional. Conclui-se que as dinâmicas grupais emergiram como uma estratégia eficaz para fomentar o desenvolvimento das habilidades sociais das crianças no contexto social. No entanto, é importante manejar as contingências em vigor no ambiente terapêutico grupal para que as atividades sejam, cada vez mais, reforçadoras para as crianças.

Palavras-chave: Análise do Comportamento Aplicada. Autismo. Atenção Conjunta.

3957

ABSTRACT: The present study is an experience report of a mandatory supervised internship in group processes of the psychology course focused on serving autistic children and those with other neurodivergent conditions. The objective of this report is to present the activities developed from a critical analysis of practices based on Applied Behavior Analysis (ABA). In this way, we seek to contribute to the dissemination of psychological knowledge applied to autism. One of the focuses of the internship was observing and acting in the context of group activities carried out with autistic children. Activities were developed to stimulate cognitive, behavioral, and educational development. It is concluded that group dynamics have emerged as an effective strategy to encourage the development of children's social skills in the social context. However, it is important to manage the contingencies in force in the group therapeutic environment so that the activities are increasingly reinforcing for children.

Keywords: Applied Behavior Analysis. Autism. Joint Attention.

¹ Centro de Ensino Unificado do Distrito Federal, Acadêmica em Psicologia, <https://orcid.org/0009-0007-8995-9881>.

² Centro de Ensino Unificado do Distrito Federal, Acadêmica em Psicologia, <https://orcid.org/0009-0006-6965-4338>.

³ Centro Universitário Euroamericano, Bacharel em Direito, <https://orcid.org/0009-0001-2942-5753>.

⁴ Centro de Ensino Unificado do Distrito Federal. Acadêmica em Psicologia, <https://orcid.org/0009-0003-4591-5204>.

⁵ Centro de Ensino Unificado do Distrito Federal, Acadêmica em Psicologia, <https://orcid.org/0009-0000-6066-0500>.

⁶ Centro de Ensino Unificado do Distrito Federal, Acadêmica em Psicologia, <https://orcid.org/0009-0000-5235-6883>.

RESUMEN: El presente estudio es un informe de experiencia de una práctica de pasantía enfocada en la atención de niños autistas y con otras condiciones neurodivergentes. El objetivo de este informe es presentar las actividades desarrolladas a partir de un análisis crítico de las prácticas basadas en el Análisis Aplicado de la Conducta (ABA). De esta manera, se busca contribuir a la difusión de los conocimientos psicológicos aplicados al autismo. Uno de los enfoques de la práctica realizada fue observar y actuar en contextos de actividades grupales realizadas con niños autistas. Se desarrollaron actividades destinadas a estimular el desarrollo cognitivo, conductual y educativo. Se concluye que las dinámicas grupales emergieron como una estrategia eficaz para fomentar el desarrollo de las habilidades sociales de los niños en el contexto social. Sin embargo, es importante manejar las contingencias vigentes en el entorno terapéutico grupal para que las actividades sean cada vez más reforzadoras para los niños.

Palabras clave: Análisis Aplicado de la Conducta. Autismo. Atención Conjunt.

INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta uma análise embasada em vivências concretas durante uma prática de estágio em uma clínica voltada para o atendimento de crianças autistas. A narrativa documenta as atividades realizadas e proporciona uma avaliação dos desafios e estratégias empregadas no processo de intervenção junto às crianças autistas. Esse estudo busca contribuir para o aprimoramento do conhecimento e das práticas de atendimento ao autismo, ampliando o repertório da comunidade de especialistas e fomentando uma abordagem mais eficaz e compreensiva para crianças com essa condição.

O autismo, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição, o DSM V (American Psychiatric Association [APA], 2013), é identificado por indícios comportamentais que surgem entre doze e vinte e quatro meses. Embora possam ser observados atrasos no desenvolvimento antes do primeiro ano, os sintomas ganham destaque após os vinte e quatro meses.

O diagnóstico do autismo é eminentemente clínico, dependendo de uma observação meticulosa do comportamento e desenvolvimento da criança. Profissionais especializados colaboram para investigar todos os contextos da criança, incluindo histórico, social e afetivo. O autismo não é classificado como uma doença, aderindo à perspectiva da neurodiversidade, que o considera uma diferença singular, afastando-se da concepção de doença (Wuo, 2019).

A etiologia do autismo permanece desconhecida, sendo considerado uma condição de origem multicausal. Globalmente, estima-se uma prevalência de 70 casos por 10.000 habitantes. Inicialmente era indicado um índice quatro vezes maior de ocorrência em meninos. Atualmente, questiona-se a falha no diagnóstico em meninas, que costumam ser diagnosticadas tardiamente (e.g., Freire & Cardoso, 2022; Lucena & Oliveira, 2023; Soares et

al., 2023). No Brasil, a escassez de estudos dificulta estimativas precisas, mas dados recentes apontam uma prevalência de 27,2 casos por 10.000 habitantes (Pinto et al., 2016).

O reconhecimento precoce da sintomatologia é crucial. Pais, cuidadores e familiares identificam padrões comportamentais, facilitando a busca por intervenções adequadas (Pinto et al., 2016). Entre os desafios enfrentados por indivíduos autistas, a socialização destaca-se como uma área de maior complexidade (APA, 2013). Promover oportunidades de interação torna-se imperativo para esse público. Compreender e intervir nessa condição de maneira abrangente e empática representa não apenas um desafio clínico, mas também um compromisso essencial na busca por uma vida mais plena e integrada para as crianças afetadas pelo espectro do autismo.

ATENÇÃO COMPARTILHADA E O AUTISMO

A partir de uma ótica especializada sobre o tema, torna-se claro que alguns indivíduos autistas podem enfrentar notáveis desafios na expressão da comunicação por meio da atenção compartilhada. A atenção compartilhada é a habilidade de coordenar a atenção a outros fenômenos (sejam seres, objetos ou quaisquer outras coisas) com outras pessoas. A atenção compartilhada se evidencia de maneira mais definida no período compreendido a partir dos nove meses, atingindo um estágio de estabilização a partir dos 18 meses (e.g., Zanon, 2012).

Crianças autistas podem apresentar desafios no domínio da interação social, englobando a complexidade em manter o contato visual, discernir expressões faciais e interpretar gestos comunicativos. Adicionalmente, enfrentam dificuldades em expressar suas próprias emoções e estabelecer relações amistosas. É comum constatar obstáculos na esfera comunicativa, refletidos pelo uso reiterado da linguagem e dificuldades na introdução e manutenção de diálogos. Outros elementos distintivos abrangem a manifestação de padrões comportamentais, incluindo hábitos, um notável apego a rotinas e a execução de ações repetitivas (Izidoro, 2022).

Um dos aspectos enfatizados quando se fala em atenção compartilhada é a intencionalidade. A intencionalidade é a habilidade de perceber metas e desejos de outras pessoas diante de uma relação triádica (i.e., pessoa-objeto-outra pessoa). A intencionalidade do sujeito constitui o núcleo da aptidão para a atenção compartilhada, primeiramente

delineada por meio de gestos indicativos, tais como apontar, exhibir e ceder objetos, bem como a alternância de olhares entre objetos e o rosto do interlocutor (Zanon et al, 2014).

É fundamental ressaltar que esses gestos podem igualmente denotar outras intenções, como a solicitação de auxílio, e, portanto, necessitam de discernimento em relação à atenção compartilhada. O ato de requisitar à mãe que pegue um copo, por exemplo, difere substancialmente de indicar, olhar, acenar ou focar em um objeto com o intuito de chamar a atenção dos pais para sua presença, como exemplificado no caso de apontar para um cachorro a distância (Zanon et al, 2014).

A promoção da atenção compartilhada pode ser integrada de forma sistemática às intervenções conduzidas por profissionais especializados. No entanto, é imperativo que esse estímulo seja transposto para o contexto cotidiano, notadamente no âmbito doméstico, onde se estabelecem oportunidades valiosas para o desenvolvimento desta habilidade. Estas interações podem se dar em momentos de convívio familiar e abranger atividades diversas, tais como: engajamento em brincadeiras interativas; práticas de leitura ou narração de narrativas; participação em atividades coreográficas; envolvimento em atividades culinárias; contribuição na limpeza e organização do ambiente domiciliar; ordenação e disposição de objetos lúdicos e outras práticas afins (Zanon et al, 2014).

O estímulo eficaz da atenção compartilhada na criança reside na habilidade de atraí-la de maneira engajada para aquilo que já desperta seu interesse intrínseco. Se a criança utiliza caretas como meio de expressão, este canal deve ser explorado. Da mesma forma, se demonstra afinidade por um personagem fictício, a interação pode ser adaptada para refletir esse interesse. No caso de uma predileção por música, a utilização de canções preferidas se mostra eficaz (Zanon et al, 2014).

É importante ressaltar que brincadeiras que envolvem a alternância de turnos (e.g., modelo 'minha vez, sua vez') representam instrumentos de significativa relevância nesse processo de aprendizado. Ademais, é essencial que todas as atividades sejam pautadas na motivação intrínseca da criança, visando assegurar uma resposta ativa e um início da prática desta habilidade com genuíno entusiasmo. Dessa forma, a atenção compartilhada se mostra essencial para a socialização e um importante foco de trabalho terapêutico com crianças autistas, devendo ser trabalhado em processos grupais, para promover o compartilhar das experiências.

TERAPIA ABA NO AUTISMO

De acordo com Guilhardi et al. (2015), a ABA (Análise do Comportamento Aplicada) é amplamente reconhecida em diversos países como uma abordagem fundamental para melhorar a qualidade de vida das pessoas autistas. Seu principal objetivo é promover a aquisição de repertórios comportamentais (como habilidades sociais) que permitam que a pessoa autista desenvolva autonomia e que consiga lidar de forma menos aversiva com comportamentos que causam sofrimento (e.g., autolesivos e heterolesivos).

A intervenção pautada na ABA visa identificar comportamentos e competências que demandam aprimoramento. Durante as sessões, o profissional direciona os comportamentos cruciais para o desenvolvimento da criança, tais como brincar, elogiar e imitar. Além disso, instrui a criança de forma precisa e reforça os comportamentos desejados no tratamento. Dessa maneira, a ABA é entendida como um processo de coleta de dados durante e pós-intervenção, visando empoderar a criança a tomar suas próprias decisões e, assim, aprimorar as habilidades necessárias para seu desenvolvimento (Guilhardi et al., 2015)

A Análise do Comportamento é aplicada em diversos contextos, incluindo educação, ambiente corporativo, clínico e esportivo, entre outros. A redução do termo ABA, no senso comum, ao trabalho com o desenvolvimento neurodivergente (e.g., com pessoas autistas), remonta a fatores históricos, sociais e econômicos associados aos princípios dessa abordagem. Embora não seja possível abordar exaustivamente esses fatores neste texto, é possível destacar algumas causas com base em uma breve retrospectiva histórica da ABA (Guilhardi et al., 2015).

A ABA é uma ciência aplicada da aprendizagem com foco na intervenção para transtornos do desenvolvimento, especialmente o autismo. Seu propósito primordial é promover o desenvolvimento de novas habilidades e gerenciar comportamentos desafiadores. Antes de implementar essa abordagem em crianças autistas, é conduzida uma avaliação individualizada, fundamentada na singularidade de cada pessoa, para identificar as técnicas e estratégias mais apropriadas (e.g., Zanon; Backes & Bosa, 2014).

A ênfase repousa na definição prévia (ou ao longo do processo) de metas comportamentais, o que permite compreender a evolução da criança autista durante o tratamento (e.g., Zanon; Backes & Bosa, 2014). Ademais, é importante salientar que a Terapia ABA transcende o autismo, sendo também aplicável em intervenções para crianças que enfrentam desafios no desenvolvimento da atenção compartilhada.

MÉTODO

Durante a prática realizada na instituição, foi possível vivenciar um programa dedicado ao aprimoramento de habilidades sociais em crianças com idades entre zero e cinco anos. Este programa busca proporcionar um ambiente propício ao desenvolvimento dessas habilidades cruciais em uma fase fundamental da infância, visando contribuir para o crescimento saudável e a integração social desses indivíduos.

O presente estudo se concentrou em um instituto particular multiprofissional, especializado no atendimento a pessoas autistas e condições relacionadas, abrangendo desde crianças até adultos. A intervenção terapêutica aplicada nessa instituição segue os princípios da ABA), sendo implementada tanto de maneira individual quanto em dinâmicas grupais. Este enfoque terapêutico destaca-se pela sua eficácia na promoção de habilidades adaptativas e na redução de comportamentos desafiadores, proporcionando um suporte abrangente aos atendidos.

ATIVIDADES REALIZADAS

O instituto referido, proporciona uma extensa variedade de iniciativas voltadas para o desenvolvimento e o bem estar de crianças diagnosticadas como autistas. Todas essas atividades são meticulosamente elaboradas e adaptadas para atender às necessidades individuais de cada criança sob seus cuidados. Entre as práticas proeminentes do instituto, destaca-se o acompanhamento de atividades lúdicas.

A instituição atribui um valor especial ao desenvolvimento integral das crianças, concentrando-se na promoção de atividades lúdicas. O objetivo é estimular a criatividade, fomentar a interação social e aprimorar habilidades motoras. Jogos, brincadeiras e atividades recreativas são habilmente utilizados como instrumentos para transformar o aprendizado em uma experiência agradável e envolvente.

Todas as atividades são minuciosamente planejadas e executadas por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais altamente qualificados, abrangendo diversas áreas. Esse time de especialistas garante uma abordagem holística e personalizada para cada atividade, assegurando adaptações específicas para atender às necessidades individuais de cada criança sob os cuidados do instituto. O instituto, dessa forma, promove um ambiente inclusivo que favorece o desenvolvimento integral, reforçando seu compromisso com a promoção do bem estar e do progresso de todas as crianças assistidas.

No que diz respeito à frequência dos atendimentos, é feito um ajuste conforme as necessidades específicas de cada criança, podendo ocorrer de três a cinco vezes por semana, nos períodos da manhã ou tarde. Após uma avaliação diagnóstica, a criança é encaminhada para o acompanhamento, que pode ser conduzido individualmente ou em grupo. No caso do acompanhamento em grupo, os profissionais são divididos em três grupos distintos (1, 2 e 3), levando em consideração as habilidades específicas apresentadas pela criança.

O Grupo 1 abrange a fase de adaptação, envolvendo crianças que não se comunicam vocalmente, necessitam de amplo suporte nas atividades cotidianas, utilizam fraldas ou estão em processo de desfralde, e enfrentam desafios significativos na interação social. O Grupo 2 inclui crianças que se comunicam vocalmente, mas com um repertório limitado, possuem controle dos esfíncteres, dependem de assistência para as atividades diárias e apresentam interação social restrita. O Grupo 3 engloba crianças que se comunicam vocalmente, possuem um repertório verbal mais extenso, são mais independentes nas atividades diárias e demonstram habilidades sociais desenvolvidas.

Cada grupo é designado a uma seleção específica de atividades que precisam ser dominadas para a progressão aos grupos subsequentes. Durante cada sessão, de duas a três atividades são aplicadas, sendo que a criança é considerada apta ao domínio dessas atividades quando alcança um desempenho de sucesso entre 90% e 100%, com o progresso devidamente registrado. A mudança para um novo grupo é possibilitada com base no desempenho da criança e avaliação multidisciplinar.

As práticas no local foram as atividades feitas, em sua maioria, em grupos e foi recorrente o comportamento de algumas crianças de tentar permanecer sozinha. Dessa forma, uma parte crucial desse trabalho envolveu práticas destinadas a estimular o desenvolvimento cognitivo, comportamental e educacional. As atividades incluíram tarefas como corte, recorte, pintura e o reconhecimento de letras e números. O que diferenciou essas práticas foi a adaptação cuidadosa para atender ao ritmo de aprendizado individual de cada criança. Esse enfoque personalizado não apenas impulsionou o progresso intelectual, mas também criou um ambiente educacional inclusivo e acessível, onde cada criança pôde participar ativamente de maneira envolvente.

No contexto das atividades diárias, houve grande atenção ao suporte ao desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida cotidiana das crianças autistas. Isso incluiu orientação prática em atividades como escovação dos dentes, uso do banheiro e

alimentação. O cerne desse esforço foi direcionado para promover a autonomia e independência das crianças em suas rotinas diárias, contribuindo assim para uma melhoria significativa em sua qualidade de vida e bem-estar.

Ao abordar as atividades de socialização, o trabalho da equipe proporcionou oportunidades deliberadas para que as crianças praticassem e aprimorassem suas habilidades sociais. Essas oportunidades incluíram interações regulares com outras crianças, participação em jogos em grupo e envolvimento em atividades orientadas por profissionais especializados. O objetivo central, além de facilitar a interação social, foi fortalecer as habilidades de comunicação, contribuindo para o desenvolvimento holístico e equilibrado das habilidades sociais das crianças.

No que se refere às atividades sensoriais, o foco do era estimular os sentidos das crianças, incorporando experiências táteis, visuais e auditivas. Isso envolveu práticas que exploravam texturas, cores, sons e movimentos, proporcionando estímulos sensoriais ricos e diversificados. Essas atividades foram essenciais não apenas para o desenvolvimento sensorial, mas também desempenharam um papel significativo no fortalecimento do aspecto emocional das crianças.

Finalmente, em relação às atividades de comunicação e linguagem, concentrou-se no desenvolvimento dessas habilidades que, nas crianças assistidas pela estagiária, ainda não haviam sido desenvolvidas. Adotou-se estratégias e técnicas específicas para auxiliar as crianças a expressarem suas necessidades, emoções e pensamentos de maneira eficaz. Esse foco na comunicação não apenas melhorou a capacidade de expressão, mas também contribuiu para a construção de laços mais significativos entre as crianças e seu ambiente social.

ANÁLISE

A prática realizada na instituição voltada para o desenvolvimento de habilidades sociais em crianças de zero a cinco anos é, sem dúvida, uma iniciativa proveitosa e importante. O foco nessas idades cruciais para o desenvolvimento infantil reflete uma compreensão sólida da importância de intervenções precoces. A ênfase na promoção de habilidades sociais sugere uma abordagem holística, reconhecendo a integralidade do desenvolvimento infantil. Isso funciona eficazmente ao abordar não apenas aspectos

cognitivos, mas também emocionais e sociais, criando uma base sólida para o crescimento saudável das crianças.

O instituto multiprofissional especializado no atendimento a indivíduos autistas e condições afins adota a abordagem terapêutica da ABA, tanto em configurações individuais quanto grupais. Essa escolha metodológica é respaldada pela eficácia comprovada da ABA na modificação de comportamentos e no desenvolvimento de habilidades adaptativas. O uso dessa abordagem, portanto, funciona como uma escolha embasada em evidências, proporcionando resultados tangíveis e mensuráveis.

A fundação do instituto, com o propósito explícito de promover o desenvolvimento e a inclusão social de crianças autistas, oferecendo suporte especializado e recursos terapêuticos, é uma iniciativa valiosa. A abordagem multidisciplinar, envolvendo diversos profissionais, destaca a compreensão de que o tratamento do Autismo não pode ser abordado isoladamente. No entanto, a eficácia dessa abordagem dependerá da coordenação eficiente entre os profissionais envolvidos, sendo crucial manter uma comunicação aberta e colaborativa para otimizar os resultados.

Ações voltadas para a sensibilização da comunidade em relação ao autismo são cruciais para combater estigmas e promover uma compreensão mais profunda dessa condição. A atenção à orientação e suporte para as famílias é uma extensão valiosa desse trabalho. A criação de um ambiente acolhedor e a disponibilidade de profissionais altamente capacitados funcionam como fatores chave para o sucesso dessa instituição. No entanto, uma análise periódica poderia incluir uma avaliação contínua da eficácia dessas ações de sensibilização e suporte, garantindo que atendam às necessidades em constante evolução da comunidade e das famílias.

Em termos de melhorias, seria benéfico realizar avaliações regulares do impacto das intervenções, ajustando os planos conforme necessário. Além disso, a transparência na comunicação e a integração mais estreita entre os profissionais podem fortalecer ainda mais a abordagem multidisciplinar. Uma análise mais aprofundada do ambiente institucional e da satisfação das famílias poderia fornecer insights valiosos para aprimoramentos contínuos. Em última análise, a crítica construtiva e a busca constante por melhorias são essenciais para garantir que as iniciativas continuem a atender de maneira eficaz às necessidades das crianças autistas e suas famílias.

CONCLUSÃO

Ao refletir sobre o conjunto de experiências, é inegável que a intervenção contínua se revela altamente eficaz na promoção do desenvolvimento abrangente da criança e no aprimoramento de sua adaptação à sociedade. No entanto, é preciso abordar criticamente a questão da sustentabilidade desses efeitos a longo prazo, considerando fatores como a generalização das habilidades adquiridas para contextos além do ambiente terapêutico.

As estratégias lúdicas e personalizadas, enraizadas no estabelecimento de vínculos significativos com os profissionais envolvidos, emergem como elementos cruciais nesse processo. No entanto, é necessário reconhecer que a eficácia dessas estratégias pode ser influenciada por fatores como a disponibilidade de recursos e a capacidade de manter um nível consistente de envolvimento profissional ao longo do tempo.

O ambiente, minuciosamente delineado e adaptado, adotou uma abordagem interdisciplinar abrangente, incorporando todas as disciplinas necessárias para abordar as demandas terapêuticas individuais de cada criança. A aplicação efetiva dessa abordagem depende, em grande medida, da colaboração eficiente entre profissionais de diversas áreas. Desafios podem surgir na integração de diferentes perspectivas disciplinares, exigindo uma comunicação e coordenação contínuas para otimizar a eficácia do tratamento.

Durante o processo, a atenção voltada para aspectos fundamentais, como a atenção compartilhada, o contato visual, a capacidade de manter-se sentado em uma cadeira e a habilidade de iniciar e concluir uma atividade, demonstrou ser uma estratégia eficaz, alinhando-se com as descobertas de (Maranhão & Pires, 2017). A implementação dessas práticas não está isenta de desafios, e a necessidade de adaptar as intervenções de acordo com a singularidade de cada criança é crucial. A personalização das estratégias, portanto, emerge como um elemento chave para a eficácia a longo prazo.

Em última instância, ao longo do acompanhamento diante dos resultados observados, cabe a ressalva de que a eficácia do método pode ser influenciada por uma série de variáveis, incluindo a composição do grupo e a natureza específica das metas terapêuticas de cada criança. Dessa forma, diante dos desafios inerentes a essa abordagem, é imperativo que a comunidade científica continue a questionar, pois há uma necessidade de uma avaliação constante, ajustes personalizados e aprimoramento de práticas que garantam a pertinência e eficácia contínua dessas dinâmicas buscando constantemente inovações que otimizem os resultados e a qualidade de vida das crianças neurodivergentes.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. (5th ed.). American Psychiatric Publishing.
- CUNHA, P. R. D., Neto, S. M., Nascimento, T. S., & França, U. C. D. (2021). *Transtorno do espectro autista: principais formas de tratamento*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade UNA de Catalão]. Repositório Institucional da Faculdade UNA de Catalão. <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17252>
- FREIRE, M. G., & Cardoso, H. D. S. P. (2022). Diagnóstico do autismo em meninas: Revisão sistemática. *Revista Psicopedagogia*, 39(120), 435-444. <http://doi.org/10.51207/2179-4057.20220033>
- GUILHARDI, C., Romano, C., & Bagaiolo, L. *Análise Aplicada do Comportamento (ABA): Contribuições para a intervenção com Autismo*. São Paulo: Editora ABC, 2020. <https://www.grupogradual.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Artigo-Marcos-Mercadante-definitivo.pdf>.
- IZIDORO, M. (2021). Psicologia e autismo: profissional conta como é trabalhar com o TEA. *Autismo em dia*. <https://www.autismoemdia.com.br/blog/psicologia-e-autismo/>
- LUCENA, L. C. D., & Oliveira, I. C. G. D. (2023). O transtorno de espectro autista e as experiências narrativas de mulheres no Instagram. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 27, 2-17. <https://doi.org/10.1590/interface.220305>
- MARANHÃO, S. S. A., & Pires, I. A. H. (2017). Funções executivas e habilidades sociais no espectro autista: um estudo multicaseos. *Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento*, 17(1), 100-113. <https://doi.org/10.5935/cadern osdisturbios.v17n1p100-113>
- PINTO, R. N. M., Torquato, I. M. B., Collet, N., Reichert, A. P. D. S., Souza Neto, V. L. D., & Saraiva, A. M. (2016). Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37, 1-9. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>
- SOARES, A. G. V., Silva, H. C., Vidal, L. A., Bonilla, M. A. A., Tôrres, M. E. M., Lima, M. J. N., Santana, M. A., Alves, M. E. M., Paz, U. E. S., & Souza, H. R. (2023). Revisão de escopo: as implicações do diagnóstico tardio do TEA em mulheres. *Revista Neurociências*, 31, 1-37. <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/download/15662/11352/683>
- WUO, A. S. (2019). Educação de pessoas com transtorno do espectro do autismo: estado do conhecimento em teses e dissertações nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (2008-2016). *Saúde e Sociedade*, 28(3), 210-223. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170783>
- ZANON, R. B. (2012). *Déficit na iniciativa de atenção compartilhada como principal preditor de comportamento social no transtorno do espectro autista*. [Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56626/000860303.pdf>

ZANON, R. B., Backes, B., & Bosa, C. A. (2015). Diferenças conceituais entre resposta e iniciativa de atenção compartilhada. *Psicologia: teoria e prática*, 17(2), 78-90. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v17n2/o6.pdf>